

ISSN: 2176-5960



AS MULHERES SÃO HUMANAS? DISCURSO MINISTRADO PARA UMA SOCIEDADE DE MULHERES, 1938¹

Dorothy L. Sayers

Trad. Cecília Mendonça de Souza Leão Santos²
Camile Marie Nagy Silva³
Laura Rayssa Santos de Oliveira⁴
Luana de Souza Nascimento⁵

Quando me pediram para falar com vocês, a senhora secretária sugeriu que pensava que eu deveria estar interessada no movimento feminista. Eu repliquei – um pouco irritada, eu receio – que eu não estava certa se queria “me identificar”, como diz a frase, com o feminismo, e que o tempo do “feminismo”, no sentido antiquado da palavra, havia passado. Na verdade, penso que cheguei até a dizer que, nas atuais condições, um feminismo agressivo pode fazer mais mal do que bem. Como resultado, fui, talvez naturalmente, convidada a explicar-me.

Eu não sei se é tão fácil explicar, sem ofensa ou risco de mal-entendido, exatamente o que quero dizer, mas tentarei.

A questão da “igualdade sexual” é, como todas as questões que afetam as relações humanas, delicada e complicada. Isso não pode ser resolvido com slogans

¹ Originalmente publicado sob o título “*Are women human? Address given to a Women’s Society, 1938*”, como capítulo do livro *Unpopular Opinions*. London: Victor Gollancz, 1946. p. 106-115.

² Doutora em Filosofia. Docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: ceciliaaleao@gmail.com

³ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe. Pós-Graduada em Neoroeducação pela Faculdade Rhema. E-mail: camille.marie.ns@gmail.com

⁴ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista Capes. E-mail: laurarayssaoliveira2003@gmail.com

⁵ Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Bolsista Capes. E-mail: luanafiloufs@gmail.com

chamativos ou asserções precipitadas como “uma mulher é tão boa quanto um homem” – ou “o lugar da mulher é o lar” – ou “as mulheres não devem tomar os trabalhos dos homens”. No minuto em que alguém faz tais afirmações, descobre-se que é preciso qualificá-las. Dizer que “uma mulher é tão boa quanto um homem” é tão sem sentido quanto dizer: “um cafre⁶ é tão bom quanto um francês” ou “um poeta é tão bom quanto um engenheiro” ou “um elefante é tão bom quanto um cavalo de corrida” – Isso não significa nada até você acrescentar: “em que sentido”? Em um sentido religioso, sem dúvida, o cafre é tão valioso aos olhos de Deus quanto um francês – mas o cafre médio é provavelmente menos hábil em crítica literária do que o francês médio, e o francês médio é menos hábil do que o cafre médio em rastrear os vestígios de uma boa caça. Pode haver exceções de qualquer um dos lados: é amplamente uma questão de hereditariedade e de educação. Quando comparamos o poeta com o engenheiro, nos deparamos com uma diferença fundamental de temperamento – de modo que aqui nossa questão é agravada pelo enorme problema social de decidir se é a poesia ou a engenharia a “melhor” para o estado, ou para a humanidade em geral. Pode haver pessoas que gostariam que o mundo fosse todo composto de engenheiros ou todo de poetas – mas a maior parte de nós gostaria de ter um certo número de cada; embora aqui, novamente, seja possível discordar sobre a proporção desejável de engenheiros e de poetas. A única exigência que devemos fazer é que pessoas com temperamentos sonhadores e poéticos não se envolvam com máquinas, e que pessoas de mente mecânica não publiquem livretos com versos ruins. No que diz respeito ao elefante e ao cavalo de corrida, nós chegamos ao alicerce das diferenças físicas – o elefante teria um péssimo desempenho na corrida, e mesmo um cavalo de corrida invicto seria derrotado por um elefante quando se tratasse de transportar toras.

Isso é tão óbvio que parece nem sequer valer a pena dizer. Mas é a marca de todos os movimentos, não interessa quão bem intencionados, que seus pioneiros percam

⁶ O leitor encontrará o termo “Kaffir”, mantido no original e traduzido por “cafre”. É crucial notar que se trata de uma palavra de extrema gravidade, um insulto racial com profunda ressonância histórica na África do Sul do apartheid, equivalente em ofensividade a outros epítetos raciais amplamente condenados. Sua preservação no texto não é um endosso, mas sim uma decisão ética das tradutoras para fidelidade histórica e para não suavizar a linguagem que a autora está criticando. No caso desse texto, o contexto em que esse termo aparece é quando a autora está discutindo igualdade. A tradução por “cafre”, que é a forma portuguesa do termo e compartilha a mesma carga pejorativa, foi escolhida por refletir essa gravidade específica, em contraste com termos neutros como “negro” ou “africano”. (Nota das tradutoras).

de vista o óbvio ao deixarem-se levar pela empolgação. Ao reagir ao antigo slogan “mulheres são os vasos mais fracos”, ou o ainda mais ofensivo “a mulher é uma criatura divina”, nos permitimos, eu creio, afirmar que “uma mulher é tão boa quanto um homem” sem pausar para pensar no que exatamente queremos dizer. O que queremos dizer, eu sinto, é algo tão óbvio que pode passar despercebido como um todo, a saber: que nem toda mulher é, em virtude do seu sexo, tão forte, esperta, artística, equilibrada, engenhosa e assim por diante, quanto qualquer homem que possa ser mencionado; mas que uma mulher é um ser humano tão ordinário quanto um homem, com as mesmas preferências individuais e com os mesmos direitos a gostos e preferências de um indivíduo. O que é repugnante a todo ser humano é ser reconhecido como membro de uma classe e não como uma pessoa individual. Uma certa quantia de classificação é necessária, é claro, para propósitos práticos: não há dano em dizer que as mulheres, enquanto classe, têm ossos menores do que os homens, usam roupas mais leves, possuem mais cabelo na cabeça e menos no rosto, vão mais pertinentemente à igreja ou ao cinema, ou possuem mais paciência com bebês pequenos e barulhentos. Da mesma maneira, podemos dizer que pessoas robustas de ambos os sexos possuem melhor temperamento do que as magras, ou que professores universitários de ambos os sexos são mais pedantes em seus discursos que agricultores, ou que comunistas de ambos os sexos são mais ferozes que fascistas – ou vice e versa. O que é insensato e irritante é presumir que todos os gostos e preferências de alguém precisam ser condicionados pela classe ao qual se pertence. Esse é o erro muito comum que os homens frequentemente cometem sobre as mulheres – e é o erro no qual as mulheres feministas, talvez, estão um pouco inclinadas a cair também. Tomemos, por exemplo, a reclamação muito comum de que as mulheres hoje em dia querem “copiar o que os homens fazem”. Nessa reclamação há um bocado de verdade e um bocado de puro, explícito e, na verdade, maldoso absurdo. Há um grande número de trabalhos e prazeres que os homens nos tempos passados isolaram para eles mesmos. No passado, por exemplo, os homens tinham o monopólio da educação clássica. Quando as pioneiras da formação universitária para mulheres exigiram que as mulheres fossem admitidas nas universidades, ouviu-se o grito: “por que as mulheres devem querer conhecer Aristóteles?” A resposta **não** é que todas as mulheres seriam melhores por conhecer Aristóteles – e menos ainda, como o Lorde Tennyson parecia pensar, que elas seriam companheiras mais sociáveis para seus maridos se conhecessem Aristóteles – mas simplesmente: “o que as mulheres querem enquanto classe é irrelevante. Eu quero

conhecer Aristóteles. É bem verdade que a maioria das mulheres não dá a mínima para ele, e que muitos estudantes homens empalidecem e desmaiam ao pensar nele – mas eu, indivíduo excêntrica que sou, quero sim conhecer Aristóteles, e afirmo que não há nada na minha forma ou nas minhas funções corpóreas que me impeçam de conhecê-lo”.

Esta batalha foi, com justiça, vencida pelas mulheres. Mas há um lado mais tolo da educação universitária para mulheres. Eu percebi ultimamente, com lamento, uma tendência das faculdades para mulheres de “copiar os homens” em suas falhas e absurdos, o que não é tão bom. Porque a constituição das faculdades dos homens é autocrática, ultrapassada e, em muitos aspectos, ineficiente, as mulheres terminam inclinadas a limitar as constituições de suas próprias faculdades – que foram mapeadas a partir de linhas democráticas mais livres – na moldura medieval das dos homens – o que é doentio. Não contribuí em nada com a universidade e perde o que poderia ser algo muito bom. As mulheres estudantes, também, têm o tolo artifício de imitar e superar os absurdos dos graduandos homens. Subir bêbado tarde da noite e ficar trancado do lado de fora é tolo e inofensivo se feito no calor do momento; mas se é feito “porque os homens fazem”, então é muito pior que tolo, porque não é espontâneo e nem sequer divertido.

Deixe-me dar um simples exemplo da diferença entre o tipo certo e o tipo errado de feminismo. Tomemos este negócio terrível – tão estressante na mente dos bispos – das mulheres andarem de calça. Nos perguntam: “por que você quer andar de calça? Elas são extremamente feias na maioria de vocês. Vocês vestem somente para copiar os homens”. A isso, podemos responder com muita propriedade: “É verdade que são inadequadas. Até nos homens elas são notavelmente feias. Mas como vocês, homens, descobriram por conta própria, elas são confortáveis, não atrapalham as atividades como as saias e protegem o usuário das correntes de ar nos tornozelos. Enquanto ser humano, eu gosto de conforto e não gosto das correntes de ar. Se as calças não lhe atraem, só lamento; no momento eu não quero lhe atrair. Eu quero desfrutar da vida enquanto ser humano, e por que não? Sobre copiar, certamente vocês pensaram nas calças primeiro e, nessa medida, devemos copiá-los. Mas não copiamos tão desavergonhadamente a ponto de prender estes trajes úteis nos nossos corpos com suspensórios. Aqui traçamos um limite. Estes apetrechos de couro e elástico são desnecessários e inapropriados para a forma feminina. Eles são, ademais, mais horrorosos do que podemos descrever. E quanto à indecência – da qual as calças às vezes são acusadas – pelo menos podemos

tirar nossos casacos sem virar o espetáculo privado parcialmente despido que é um homem de camiseta e suspensório.

Então quando ouvimos dizer que as mulheres meteram a mão em algo que era privilégio exclusivo dos homens, eu acho que devemos nos perguntar: este algo é útil, conveniente e adequado para um ser humano enquanto tal? Ou é meramente algo desnecessário, feio e adotado apenas para controlar a característica do outro? Sobre esses empregos e profissões, então. É ridículo tomar o emprego de um homem apenas para afirmar “uma mulher conseguiu fazer – eba!” A única razão decente para se assumir um trabalho é que é seu trabalho e você quer fazê-lo.

Neste ponto, alguém provavelmente dirá: Sim, muito bem, mas é a mulher que está tentando imitar o homem. Ela é o ser inferior. Você não encontra, como regra geral, homens tentando roubar o trabalho das mulheres. Eles não invadem o espaço do lar e tiram as mulheres de suas ocupações legítimas”. Claro que não. Eles já fizeram isso. Aceitemos a ideia de que as mulheres devem se restringir aos seus próprios trabalhos – os trabalhos que elas faziam tão bem antigamente, antes de falarem em votos e direitos das mulheres. Retornemos à Idade Média e perguntemos o que devemos receber no lugar dos privilégios políticos e educacionais que devemos abandonar. É uma lista formidável de empregos: a totalidade da indústria da tecelagem, a indústria da culinária e – o que não agradaria Lady Astor, talvez – a totalidade da produção de bebidas. Toda preservação, conservação e engarrafamento, toda a curagem do bacon. E (já que naquela época o homem se ausentava de casa por meses, seja em guerra ou em negócios) também uma grande parcela da administração das terras. Estes são os trabalhos femininos – e o que aconteceu com eles? Todos eles estão sendo executados por homens. É muito bom afirmar que o lugar da mulher é o lar – mas a civilização tirou todas as atividades lucrativas e prazerosas do lar, onde as mulheres cuidavam delas, e as entregou para a grande indústria, para serem dirigidas e organizadas pelos chefes das grandes fábricas. Até a moça do leite e sua touca simples sumiram, para serem substituídas pelo homem mecânico que controla as instalações de ordenha.

Agora é bem provável que os homens das grandes indústrias façam melhor estes serviços do que as mulheres faziam em casa. O fato é que o lar contém muito menos atividades interessantes do que antes. Mais ainda, o lar encolheu tanto ao tamanho de um pequeno apartamento que – mesmo se restringirmos o trabalho da mulher aos cuidados com a família – não há sequer mais espaço para que ela faça isso. É inútil

querer que a mulher moderna tenha doze filhos como sua avó. Onde ela deveria colocá-los quando os tiver? E que homem moderno quer se incomodar com eles? É perfeitamente idiota tirar as ocupações tradicionais das mulheres e depois reclamar porque ela procura por novas. Cada mulher é um ser humano – não podemos repetir demais – e cada ser humano deve ter uma ocupação, se ele ou ela não quiser ser um incômodo no mundo.

Não estou reclamando que toda preparação e cozimento tenham sido tomadas pelos homens. Se eles preparam e assam tão bem ou melhor que as mulheres, então deixe que o façam. Mas eles não podem ter as duas coisas. Se eles vão adotar o princípio muito sólido de que um trabalho deve ser feito por aquele que o faz melhor, então esta regra deve ser adotada universalmente. Se as mulheres trabalham melhor em escritórios do que os homens, então elas devem ficar com o trabalho de escritório. Se uma mulher individual for capaz de se tornar uma advogada, médica, arquiteta ou engenheira de primeira linha, deve ser permitido que ela tente. Uma vez estabelecida a regra de que o trabalho vem primeiro, você joga o trabalho para qualquer indivíduo, homem ou mulher, gordo ou magro, alto ou baixo, feio ou bonito, que seja capaz de fazê-lo mais bem feito que o resto do mundo.

Agora, é frequentemente afirmado que, para as mulheres, o trabalho não vem primeiro. As pessoas choramingam: o que as mulheres estão fazendo com a liberdade delas? Que mulher realmente prefere o trabalho ao lar e a família? Muito poucas, admito. É lamentável que elas devam com frequência fazer a escolha. O homem não tem, como uma regra, que escolher. Ele pode os dois. Na verdade, se ele quiser o lar e a família ele invariavelmente terá que pegar o trabalho também, se ele conseguir. Apesar disso, existiram mulheres como a rainha Elizabeth e Florence Nightingale que tiveram escolha, escolheram o trabalho e o fizeram com sucesso. E existiram e ainda existem homens que sacrificaram suas carreiras pelas mulheres, às vezes muito desastrosamente, como Antony e Parnell. Quando se trata de *escolher*, então todo homem ou mulher tem que escolher como um ser humano individual, e como tal, aceitar as consequências.

Como seres humanos! Eu sempre fico entretida e também irritada, pelos sensacionalistas que nos informam, com um radiante ar de descoberta, que eles entrevistaram um número de trabalhadoras e todas disseram que estão “cansadas do ofício e adorariam abandoná-lo”. Em nome de Deus, qual ser humano, profundamente cansado do ofício, não adoraria, de vez em quando, abandoná-lo? O tempo das mulheres secretárias é diariamente desperdiçado em simpatizar com os colegas insatisfeitos que

anseiam por sair do escritório. Nenhum ser humano gosta, dia após dia, do trabalho. Trabalho é notavelmente uma maldição, e se as mulheres gostassem eternamente de trabalhar, elas nem sequer seriam humanas. Sendo humanas, elas gostam de trabalhar tanto e tão pouco como qualquer um. Elas desgostam do perpétuo limpar e cozinhar tanto quanto do perpétuo digitar e ficar em pé atrás de balcões de lojas. Algumas delas preferem a digitação à lavagem, mas isso não quer dizer que elas, enquanto seres humanos, não tenham o direito de querer xingar e espancar a máquina de escrever quando sentirem vontade. O número de homens que diariamente xingam e espancam as máquinas de escrever é incalculável; mas isso não significa que eles ficariam mais felizes em fazer um pouco de costura simples. E as mulheres também não ficariam.

Tenho que admitir que há muito poucas mulheres que colocariam seus trabalhos antes de qualquer consideração mundana. Eu vou mais longe e afirmo que há muito poucos homens que fariam isso também. Na verdade, há talvez apenas um ser humano em cada mil que é apaixonadamente interessado em seu trabalho. A diferença é que se essa única pessoa em cada mil é um homem, nós simplesmente dizemos que ele é apaixonadamente envolvido em seu trabalho pelo trabalho; se é uma mulher, dizemos que ela é anormal. É um entretenimento extraordinário assistir os historiadores do passado, por exemplo, enredando a si mesmos no que eles tiveram o prazer de chamar “o problema” da rainha Elizabeth. Eles inventaram as mais complicadas e surpreendentes razões para seu sucesso como soberana e pela sua tortuosa política matrimonial. Ela era a ferramenta de Burleigh, a ferramenta de Leicester, ela era a tola de Essex; ela era doente, ela era deformada, ela era um homem disfarçado. Ela era um mistério para o qual deve haver alguma solução extraordinária. Apenas recentemente ocorreu a algumas pessoas esclarecidas que, afinal de contas, a solução pode ser bastante simples. Ela pode ser uma das raras pessoas que nasceram no trabalho certo e colocaram esse trabalho em primeiro lugar. Então assim uma série de enigmas foi resolvida magicamente. Ela estava apaixonada por Leicester, então por que ela não se casou com ele? Bem, pela mesma razão que incontáveis reis não se casaram com seus amores, porque seria como jogar uma chave inglesa nas rodas da máquina estatal. Por que ela foi tão impiedosa e pouco feminina ao assinar a sentença de morte da rainha Mary da Escócia? Pelo mesmo motivo que levou o rei George V a dizer que se a Câmara dos Lordes não aprovasse a Lei do Parlamento, ele formaria pares suficientes para forçar a passar – porque ela era, à medida do seu tempo, uma soberana constitucional e sabia que tinha um ponto a partir do qual uma soberana não podia

confrontar o Parlamento. Sendo um raro ser humano com seu talento para o trabalho, ela fez o que foi necessário; sendo um ser humano comum, ela hesitou bastante antes de embarcar em medidas desagradáveis – mas quanto ao mistério feminino, isso não existe, se ela fosse um homem ninguém pensaria que sua relação com o estado ou sua humanidade teria qualquer traço de mistério. Foram notáveis, mas ela foi uma pessoa extraordinariamente notável. Uma das suas mais notáveis conquistas foi ter mostrado que a soberania foi um dos trabalhos para o qual o tipo certo de mulher estava muito bem preparada.

O que nos traz de volta a essa questão de quais trabalhos, se é que existem, são trabalhos femininos. Poucas pessoas iriam tão longe a ponto de dizer que todas as mulheres são adequadas para todos os trabalhos masculinos. Quando as pessoas dizem isso, é particularmente irritante. É estúpido insistir que existam tantas mulheres musicistas e matemáticas quanto homens – os fatos mostram o contrário, e o máximo que podemos fazer é perguntar se caso uma Dame Ethel Smyth ou uma Mary Somerville apareça, devemos permitir que ela faça seu trabalho sem ter calúnias lançadas sobre seu sexo ou sua habilidade. O que pedimos é para sermos indivíduos humanos, não importando quão peculiar ou inusitado. Não é bom dizer “você é uma menina e portanto deve gostar de bonecas”; se a resposta é “mas eu não gosto”, não há mais nada a ser dito. Poucas mulheres parecem ter naturalmente nascido para a mecânica; mas se houver uma, é inútil querer provar e argumentar que ela seja algo diferente. O que não devemos fazer é alegar que a aparição ocasional de uma mulher gênica da mecânica prova que todas poderiam ser gênias da mecânica se fossem educadas. Elas não seriam.

Onde, em minha opinião, uma grande confusão surgiu foi no fracasso em distinguir entre *conhecimento* especial e *habilidade* especial. Há certas questões nas quais o chamado “o ponto de vista feminino” é valorizado porque elas envolvem *conhecimento* especial. Mulheres devem ser consultadas sobre certas coisas como moradia e arquitetura doméstica porque, sob as presentes circunstâncias, elas ainda têm que lutar bastante com casas e pias de cozinha e podem trazer um conhecimento especial ao problema. Da mesma maneira, algumas delas (embora não todas) sabem mais sobre crianças do que a maioria dos homens, a opinião delas, *como mulheres*, é valorizada. Assim como a opinião do mineiro é de valor para mineração de carvão e a opinião de médicos é importante sobre doenças. Mas há outras questões, como por exemplo sobre literatura e finanças, com as quais o “ponto de vista feminino” não tem

nenhum valor. Na verdade, ele não existe. Não envolve conhecimento especial nenhum, e a opinião das mulheres em literatura e finanças só é valorizada como o julgamento de um indivíduo. Eu sou ocasionalmente visada por imbecis congênitos e por editores de revistas a dizer alguma coisa sobre a escrita de ficção investigativa “de um ponto de vista feminino”. Para tais exigências, pode-se apenas dizer, “vá embora e não seja tolo. É o mesmo que perguntar qual é a perspectiva feminina sobre o triângulo equilátero”.

Nos velhos tempos, costumava-se dizer que mulheres não eram aptas para se sentarem no Parlamento, porque elas “não seriam capazes de pensar imperialmente”. Isso, se significasse alguma coisa, significaria que suas opiniões seriam limitadas e domésticas – em resumo, “o ponto de vista feminino”. Agora que elas *estão* no Parlamento, as pessoas se queixam de que são uma decepção: votam igual a outras pessoas com o partido delas e nada contribuíram para falar do “ponto de vista feminino” – exceto em algumas questões puramente domésticas, e mesmo aí, não estão todas de acordo. Parece como se alguém estivesse tentando ter duas coisas ao mesmo tempo. Mesmo os críticos devem lembrar que as mulheres são seres humanos e têm a obrigação de pensar e se comportar como tal. Eu posso imaginar um “ponto de vista feminino” sobre o planejamento de uma cidade, ou a educação de crianças, ou divórcio, ou o emprego de mulheres assistentes de loja, porque aqui elas têm algum conhecimento especial. Mas qual será o “ponto de vista feminino” sobre a desvalorização do franco ou a abolição do Corredor de Danzig? Mesmo onde as mulheres têm conhecimentos especiais, elas podem discordar entre si como outros especialistas. Os médicos nunca disputam, ou os cientistas, eles nunca discordam? As mulheres são realmente *não humanas*, que deveria esperar-se que elas se encaixem todas em um rebanho como ovelhas? Penso que as pessoas deveriam ser autorizadas a beber tanto vinho e cerveja quanto puderem pagar e for bom para elas; Lady Astor pensa que ninguém deveria ter permissão para beber nada de nenhum tipo. Onde está o “ponto de vista feminino”? Ou uma ou outra de nós somos dessexualizadas? Se a sem-sexo sou eu, então eu assim sou em boa companhia. Mas eu prefiro pensar que as mulheres são humanas e diferem de opinião como outros seres humanos. Isso não significa que as suas opiniões, enquanto opiniões individuais, sejam inúteis; pelo contrário, quanto mais capazes forem, mais violentas as suas diferenças de opinião tenderão a ser. Isso significa apenas que não se pode pedir “o ponto de vista feminino”, mas somente o conhecimento especial da mulher – e este, como todo conhecimento especial, é valioso, embora não haja garantia de acordo.

Os homens têm perguntado distraidamente desde o começo dos tempos: “o que as mulheres querem?”. Eu sei que mulheres, enquanto mulheres, não querem nada em particular, mas enquanto seres humanos, elas querem, meus bons homens, exatamente o que vocês mesmos querem: uma ocupação interessante, liberdade razoável para seus prazeres, e um canal emocional suficiente. A forma que a ocupação, os prazeres e a emoção podem assumir, depende inteiramente do indivíduo. Vocês sabem que é assim com vocês mesmos – por que não acreditarão que é assim conosco? O falecido D. H. Lawrence, que certamente não pode ser acusado de subestimar a importância do sexo, e que falou um monte de absurdos sobre o assunto, ainda foi visitado ocasionalmente por vislumbres esmagadores do óbvio. Ele disse, em um dos seus *Artigos Variados*:

O homem está disposto a aceitar a mulher como igual, como um homem de saias, como um anjo, um diabo, um rostinho de bebê, uma máquina, um instrumento, um seio, um útero, um par de pernas, um servo, uma enciclopédia, um ideal ou uma obscenidade; a única coisa que ele não a aceitará é como um ser humano, um verdadeiro ser humano do sexo feminino.

“Aceita como um ser humano!” – sim; não como uma classe inferior e não como uma classe superior, assim rezo e suplico para todas as feministas. Na verdade, nem como uma classe, de forma nenhuma, exceto em um contexto útil. Estamos demasiado inclinados nos dias de hoje a dividir as pessoas em categorias permanentes, esquecendo que uma categoria só existe para seu propósito especial e deve ser esquecida assim que esse propósito é servido. Há uma diferença fundamental entre homens e mulheres, mas essa não é a única diferença essencial no mundo. Há um sentido no qual minha faxineira e eu temos mais em comum do que qualquer uma de nós duas tem com, digamos, o Sr. Bernard Shaw; por outro lado, em uma discussão sobre arte e literatura, Mr. Shaw e eu provavelmente descobriremos que nós tínhamos mais interesses fundamentais em comum do que nenhum de nós dois tinha com a minha faxineira. Eu admito que, mesmo assim, ele e eu deveríamos discordar ferozmente sobre comer carne naquele ponto – mas esta não é uma diferença entre sexos, o falecido Sr. G. K. Chesterton teria ficado do meu lado contra o representante do seu próprio sexo. Então, há pontos em que eu, e muitos da minha própria geração de ambos os sexos, nos encontraríamos sinceramente de acordo; mas sobre os quais a geração ascendente de jovens homens e mulheres nos acharia muito incompreensivelmente estúpidos pelas palavras. A diferença de idade é tão fundamental quanto a diferença entre os sexos; assim como a diferença de

nacionalidade. *Todas* as categorias, se insistirem nelas além do propósito imediato a que servem, geram antagonismo de classe e perturbação no Estado, e é por isso que são perigosas.

Outro dia, na coluna “De Coração para Coração” de um dos nossos jornais populares, apareceu uma carta de um cavalheiro patético sobre uma pequena perturbação ameaçando o seu estado de casado. Ele escreveu:

Eu estive casado por onze anos e dou bastante importância ao aniversário de casamento. Eu lembro à minha esposa com um mês de antecedência e planejo fazer da noite um sucesso. Mas ela não compartilhava do meu entusiasmo, e se eu não a lembrasse, deixaria o dia passar sem pensar no seu significado. Eu achei que um aniversário de casamento significava muito para uma mulher. Você consegue explicar essa indiferença?

Pobre cavalheiro casado, alimentado de generalizações, e convencido de que se sua mulher não se encaixa na categoria de “uma mulher”, deve haver algo de errado! Talvez ela odeie ser jogada na mesma categoria de todas as mulheres típicas dos quadrinhos. Se sim, ela tem a minha simpatia. “Uma” mulher – não uma pessoa individual, talvez não gostando de ser lembrada do fluxo implacável dos anos e o avanço da velhice – mas “uma” mulher, exibindo sentimentalismos convencionais atribuídos ao seu sexo infeliz e ridículo.

Um homem, certa vez, me perguntou – é verdade que isso foi no final de um jantar muito bom, e o elogio transmitido pode ter sido devido àquela circunstância – como eu consegui escrever em meus livros uma conversa tão natural entre homens quando eles estavam sozinhos. Por acaso, eu era parte de uma família grande e mista, com muitos amigos homens? Eu respondi que, pelo contrário, eu era filha única e praticamente nunca tinha visto ou falado com nenhum homem da minha idade até que eu tinha cerca de vinte e cinco anos. “Bem”, disse o homem, “eu não deveria ter esperado que uma mulher (referindo-se a mim) fosse capaz de torná-la tão convincente”. Eu respondi que tinha enfrentado esse problema difícil fazendo meus homens falarem, tanto quanto possível, como seres humanos comuns. Esse aspecto da questão pareceu surpreender o outro orador; ele não disse mais nada, mas ficou ruminando sobre o assunto. Um dia desses, muito provavelmente, poderá ocorrer a ele que mulheres, assim como homens, quando deixadas a sós, também falam muito como seres humanos.

De fato, pela minha experiência, tanto os homens como as mulheres são fundamentalmente humanos, e há muito pouco mistério sobre ambos os sexos, exceto o exasperante mistério dos seres humanos em geral. E, embora para certos fins possa ainda ser necessário, como sem dúvida foi no passado imediato, que as mulheres se unam, como mulheres, para garantir o reconhecimento das suas necessidades como um sexo, estou certa de que agora chegou o momento de insistir mais fortemente nas necessidades de cada mulher – e na verdade, de cada homem – como pessoa individual. Costumava-se dizer que as mulheres não tinham espírito de grupo; nós provamos que temos – não nos deixemos incorrer no erro oposto de que existe um “ponto de vista” agressivamente feminista sobre tudo. Opor, perpetuamente, uma classe à outra – jovens contra idosos, trabalho manual contra trabalhadores intelectuais, ricos contra pobres, mulheres contra homens – é dividir os fundamentos do Estado; e se a divisão for demasiado profunda, não restará outro remédio senão a força e a ditadura. Se você deseja preservar uma democracia livre, deve baseá-la não em classes e categorias, pois isso irá colocá-lo no Estado totalitário, onde ninguém pode agir ou pensar, senão como membro de uma categoria. Você deve baseá-la no Tom, Dick e Jerry individuais, no Jack e Jill individuais – na verdade, em você e em mim.